

UMA ABORDAGEM SOBRE O TEXTO MULTIMODAL CHARGE

Renato Alessandro da Silva

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa a apresentar textos sob a ótica da multimodalidade. Analisei e contextualizei com o aprendizado obtido ao longo das aulas do Curso de Especialização em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leituras e Produção de Texto, notadamente a presente disciplina.

O referencial bibliográfico sugerido para a realização do curso foi levado em consideração, conforme se demonstrará das análises que se seguem.

Esquematizei o trabalho a partir da compreensão do conceito do texto multimodal, aquele em que estão presentes diferentes semioses (linguagem verbal, não verbal, imagética)

As charges políticas trazidas à abordagem são da Laerte, chargista brasileira, considerada uma das artistas mais importantes da área no país. Trata-se de texto em que estão presentes diversos recursos que perfazem a multimodalidade.

2. CONCEITO DO GÊNERO TEXTUAL CHARGE

Gênero textual jornalístico que se utiliza de imagens para expressar, ao público leitor, o posicionamento editorial do veículo responsável por sua circulação. A charge pode vir também mesclada a textos verbais (é texto multimodal) e apresenta, como características principais:

- atualidade;
- sátira de comportamentos sociais ou políticos;
- persuasão;

- origem na notícia jornalística;
- efemeridade;
- incompreensível ao leitor, caso não esteja vinculada a alguma notícia.

2.1. CHARGE DA LAERTE – QUESTÃO DE OPINIÃO!

Figura 1 - Charge de Laerte (questão de opinião)



Fonte: Folha de São Paulo, 2021.

Esta charge, abordada a partir da multimodalidade, é composta por linguagens verbais e não verbais (com mais predominância desta) e o posicionamento do veículo de imprensa está bem definido em todas as leituras e inferências que se podem fazer:

- tema (transmissão do vírus da covid-19) amplamente divulgado por todos os veículos de imprensa;
- sátira ao comportamento de pessoas que se dizem patriotas, mas mesmo assim não evitam o contágio do vírus através de equipamentos de proteção individual, como as máscaras;

- tentativa de persuasão do leitor que ainda defende comportamento como o retratado, a mudar de opinião através de argumento expresso no texto verbal (você está espalhando o vírus).

As charges são produzidas por colaboradores ou chargistas que podem ou não manter vínculos empregatícios com o veículo de imprensa responsável pela circulação. Na charge apresentada, o chargista responsável é Laerte Coutinho e foi publicada no site de notícias DCM – Diário do Centro do Mundo.

A charge como gênero textual está ancorada predominantemente nos discursos político, midiático e humorístico. Para sua produção o enunciante vale-se de estratégias que mesclam o texto com a imagem, predominando as relações interdiscursivas como estratégia das condições enunciativas do gênero charge, além de recursos argumentativos que visam a efeitos de persuasão.

Estão intrínsecos a este tipo de enunciado a abordagem de fatos e acontecimentos sob o viés do humor e da sátira.

Em termos de domínio, é um gênero recorrente do jornalismo. Seu viés é o da denúncia, da crítica ácida, notadamente no que concerne às mazelas sociais. É a razão pela qual não se dissocia da política. Aqui há que se compreender a política muito além da participação do cidadão na gestão do Estado, ou no ato de votar e eleger representantes (o que se liga umbilicalmente à definição de cidadania), mas abarcando, sobretudo, a abordagem de comportamentos e fatos sociais sob a ótica da reflexão ou da crítica.

Como gênero recorrente do jornalismo tem sua construção sedimentada a partir da notícia/do fato/ do comportamento vistos sob o pálio da ironia. Na charge são usados recursos visuais que cuidadosamente deixam ao alocutário o dever da reflexão e da interpretação.

Emerge deste gênero um dialogismo com a atualidade e com os fatos que perpassam o tempo ali retratado. Expõe uma intencionalidade objetivando a reflexão e desautomatização, o que reveste o gênero de uma verdadeira marca.

Esta peculiaridade inevitavelmente tem relação com o suporte no qual a charge se insere e visto que se trata de gênero recorrente do jornalismo, muita vez quer expressar à coletividade o posicionamento do veículo em que publicada.

Visa a impactar o destinatário, demovendo-o da indiferença. Na charge política, o enunciante retira o véu da notícia e de seus aspectos ocultos ou ideológicos. Uma vez que ocorrem marcas linguísticas e não linguísticas na sua produção, em última instância da relação discursiva será o leitor que, a todo tempo, atualizará o processo da enunciação contido na charge.

Entre os propósitos claros deste gênero, está o de provocar mudanças no pensamento e na atitude do alocutário, resultando alcançado, pois, o objetivo persuasivo.

A charge política caracteriza-se por sua feição leve, ao utilizar de caricaturas, pois a imagem deixa-a despreziosa, ao mesmo tempo em que traz consigo uma carga semântica valorosa associada à crítica, à reflexão e alicerçada na competência polifônica de seu enunciado.

Bem por isto, o chargista medeia a argumentação com a persuasão. São recursos que possibilitam a contínua interação sobre o fato, a notícia ou o comportamento da sociedade de seu tempo. Aquilo que se quer retratar no desenho está atrelado a personagens comuns da sociedade, seja a caricatura de um poderoso ou a de um cidadão do povo.

Dispondo do material verbal e imagético, é um gênero em que se usa e abusa da sátira. Com isto, desencadeiam-se efeitos a partir da sua persuasão e de valores ideológicos. O enunciante trata de sua posição no mundo, confrontando-a com um fato do mundo.

Faz-se prudente ressaltar que os gêneros não se caracterizam e tampouco se definem por aspectos meramente formais e sim por aspectos sociocomunicativos: tem interlocutores, formatos próprios, propósitos de leitura e definem-se pelo conteúdo, pela função recorrente da linguagem utilizada.

No caso da charge, devemos compreender que a matéria-prima para sua formação discursiva está nas relações sociais e nos acontecimentos veiculados em determinada época. Ela é, com efeito, íntima da atualidade.

A chargista Laerte aclara sobre o gênero:

Fraga - E você consegue explosões todas às vezes. É sensacional.

Laerte - A charge é poderosa nessa função. Traduz, carrega o comentário, as ideias e as percepções das pessoas para o campo do simbólico, da criação de imagens que são alegorias daquela ideia.¹

Na charge política de Laerte, escolhida para a análise deste gênero, predominam a **atualidade, a relação interdiscursiva, a ironia, o uso dos recursos visuais e de linguagem.**

A **atualidade** consiste no grave problema desencadeado pela pandemia da covid-19 que afligiu toda a humanidade a partir de março de 2020 – quando a Organização Mundial de Saúde declarou que o vírus *Sars-Cov-2* se tratava de uma doença que, segundo o órgão, *o número de pacientes infectados, de mortes e de países atingidos deve aumentar nos próximos dias e semanas. Apesar disso, os diretores ressaltaram que a declaração não muda as orientações, e que os governos devem manter o foco na contenção da circulação do vírus.*²

Os personagens retratados na charge dialogam, pressupondo-se que há alguém a interpelar a caricatura, buscando conscientizá-la de que pode estar espalhando a doença, fazendo-a responder sobre a abordagem: o ‘espalhar o vírus’ é respondido com a mera expressão *questão de opinião*.

O chargista utilizou de **recursos visuais** para construir o diálogo, a estratégia consiste em escolher elementos fortemente ligados à crítica por trás daquele comportamento desobediente com relação aos cuidados necessários para evitar o contágio pelo vírus. O personagem empunha a bandeira do Brasil: ele está sem máscara de proteção facial e acredita que esta seja uma ‘*questão de opinião*’.

1 <https://www.brasildefato.com.br/2021/06/10/laerte-coutinho-completa-70-anos-releia-entrevista-com-a-cartunista>

2 <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/oms-declara-pandemia-de-coronavirus.ghtml>

Sua feição caracteriza-se por aspectos que correspondem ao descontentamento relativo à abordagem: sua face enraivecida, como se vê de seus dentes e de sua boca a propalar ódio. Ocorre a predominância do discurso de ódio que se correlaciona interdiscursivamente com o discurso de uma parcela da sociedade de seu tempo, com certos personagens tanto políticos, como pertencentes ao povo brasileiro, os quais não raro agiram em confronto com as autoridades, aglomerando-se em eventos familiares e públicos (como as *motociatas* organizadas pela presidência da República, notadamente nos momentos em que a pandemia da covid-19 alcançava índices enormes de pessoas contagiadas e falecimentos).

Essa **relação interdiscursiva** une o personagem da charge àqueles que adotaram tal postura contrária às recomendações de saúde pública, como uso de máscaras faciais, de álcool em gel e os insistentes pedidos para que não ocorressem aglomerações, as quais disseminariam a doença.

Em tais eventos, como o desenhado na charge (ato de apoio ao governo federal) jamais se vislumbrou alguma preocupação com os cuidados que deviam ser adotados para evitar o contágio pelo vírus. Em algumas ocasiões, ocorreu até mesmo de o Presidente da República retirar a máscara de uma criança levada por seus pais aos eventos negacionistas.

A escolha da bandeira do Brasil não é aleatória, pois contém sua carga semântica consistente na crítica ao uso e apropriação deste símbolo por esta parcela da população (reacionária, negacionista, barulhenta) cujos comportamentos anti-ciência apenas fizeram agravar o quadro da doença.

Inúmeras foram as notícias falsas veiculadas sobre a doença. Até mesmo o Presidente da República fez uso dessas notícias, como quando divulgou um vídeo em sua página na rede social *Twitter*.

Em tom alarmante noticiou que estaria ocorrendo desabastecimento na CEASA de Belo Horizonte.³

Posteriormente, com o avanço dos estudos sobre a doença e a tentativa de desenvolver uma vacina apareceram as mesmas estratégias de negacionismo,

3 <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/04/01/twitter-bolsonaro-video-desabastecimento-ceasa-minas-gerais/>

consistentes da publicação de inúmeras notícias falsas e enganosas sobre os imunizantes.

Laerte faz-nos clara aqui sua opinião acerca do comportamento dos negacionistas, os quais em plena pandemia do coronavírus (a ceifar milhares de vidas no país), quedaram-se inertes aos reclamos das autoridades de saúde, refutando o uso de máscaras de proteção que poderiam diminuir o contágio pelo novo coronavírus.

Enquanto estes (negacionistas) promoviam todo tipo de arruaça, os Estados do país viviam em situação alarmante, já que hospitais públicos e privados recebiam dezenas de pessoas adoentadas, algumas das quais pertencentes a grupos de riscos.

O desfecho trágico da *questão de opinião* retratada poderia ser o óbito, como ocorrera a milhares de brasileiros (608 mil brasileiros, segundo as estatísticas oficiais).

Na instância federal predominou o negacionismo. Desde o início da pandemia (logo que a Organização Mundial de Saúde decretou pandemia) quando não incentivou a adoção de protocolos ineficazes (como se viu na tentativa de instituir um *kit covid* que a ciência considerara ineficaz) o presidente incentivou comportamentos considerados de risco.

Já na instância de governo dos Estados da Federação ocorreram decretos governamentais, tais como: quarentena, ou seja, o isolamento social; determinação do uso de máscaras em espaços públicos, e estabelecimentos compartilhados, como comércio, ambiente de trabalho, entre outros; e da higienização constante das mãos, seja com água e sabão ou com álcool em gel.

O acontecimento de mundo a que a charge está apegada é uma ‘manifestação favorável’ ao presidente da República em que ocorreu um ato pró-governo, e o presidente esteve presente⁴.

A ironia presente no diálogo é reforçada com o uso da bandeira do Brasil: diga-se novamente, um símbolo nacional apropriado por parcela da população na qual o personagem se insere. Ele retrata com perfeição o partícipe do evento

4 <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/15/mesmo-com-recomendacao-de-monitoramento-por-coronavirus-bolsonaro-participa-de-carro-de-ato-em-brasilia.ghtml>

negacionista, sem máscaras, desdenhando da possibilidade de se adoecer e adoecer a terceiros, considerando o ato em si, de negar a doença, uma questão de opinião.

A crítica mordaz de Laerte à questão de opinião consiste nisto: pouco importa adoecer-se ou adoecer a terceiros, mais vale o endosso à atitude negacionista de um *suposto líder* por um *suposto patriota*.

Neste comportamento estão presentes o negacionismo, o egoísmo e a banalização do mal.

Figura 2 - Charge de Laerte (Tempestade Perfeita)



Folha de S. Paulo (2021)

A charge política de Laerte, neste outro exemplo⁵, aborda sobre graves problemas sociais que se precipitaram no país. O recurso imagético do navio sob tempestade alude à dificuldade de navegar.

Enquanto os tripulantes enfrentam toda sorte de adversidades, o comandante encontra-se nas nuvens. A sátira consiste em que o Presidente da República não compreende os encargos que estão vinculados à sua responsabilidade como chefe de Estado.

A tempestade perfeita, que tanto assombra aos navegadores, neste caso tem relação com a pandemia, o desemprego, a inflação, a crise de energia. Trata-se

5 <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1709730433365042-charges-setembro-2021>

de um quadro social deveras aflitivo, o qual entretanto não tem encontrado, no sentir da chargista, a resposta de seu capitão.

Há alusão ao cargo de capitão reformado do Exército que o Presidente deteve a par com o uso ainda da figura do capitão de um navio - que é a pessoa encarregada de comandar a embarcação.

Uma vez que foi publicada no início de setembro, faz referência às notícias do período, enquadrando temporalmente a crítica expressa na charge política às próprias informações que o leitor encontrará no jornal em que está reproduzida.

Por fim, é inevitável entender que neste enunciado os graves problemas indicados no primeiro balão somados à incapacidade presidencial apenas potencializarão a tempestade perfeita.

O chiste ocorre ao se decompor o conteúdo imagético, consistente na caricatura do presidente sobre as nuvens: tem-se a conotação de que é ele o responsável pela turbulência, pois está cavalgando na tempestade, indiferente aos apuros da plateia, ainda que esteja de chapéu a mão.

3. A CHARGE, SEU LEITOR E SEU USO EM SALA DE AULA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Por ser a charge um gênero textual que tem como propósito criticar um fato da atualidade através do humor, infere-se que seu público-alvo seja formado por leitores que possuam um alto nível de escolaridade e uma considerável bagagem sociocultural já que tais conhecimentos terão que ser mobilizados na sua interpretação. Nota-se que, para compreender o conteúdo da charge, é necessário estar atualizado em relação a temas políticos, econômicos e sociais bem como compreender determinados mecanismos linguísticos utilizados nesse gênero textual. Talvez esse fato possa delimitar o número de leitores desse gênero, principalmente em um país como o Brasil no qual uma boa parcela da população recusa-se a conhecer ou não tem acesso aos bens culturais.

A partir do que foi exposto, questiona-se: seria a charge um gênero adequado para se trabalhar em sala de aula? A princípio pode parecer que não, no entanto, seu estudo pode proporcionar ao estudante uma postura crítica diante dos fatos do cotidiano fazendo com que se interesse por temas ligados à atualidade estimulando o debate e desenvolvendo o senso crítico.

A primeira dificuldade que se pode encontrar é o aluno não entender o referente. Para contornar esse obstáculo, será necessário apresentar-lhe algumas informações que lhe permitam compreender a que situação real a charge se refere. Outro ponto problemático é que a abordagem de questões polêmicas pode gerar situações desconfortáveis em uma sala de aula como, por exemplo, uma discussão mais exaltada ou até mesmo discordância dos pais. São riscos que se correm uma vez que esse é um gênero de natureza intrinsecamente polêmica.

Figura 3 - Charge de Laerte (sobre notícia falsa acerca da vacina contra covid-19)



Figura 4 - Charge de Laerte (Pensamento)



4. MECANISMOS LINGUÍSTICOS

Na charge em questão, embora sejam escassos os elementos coesivos, há coerência no texto, pois como se trata de um texto verbal e não verbal de caráter atual e de circulação social, geralmente veiculado pela imprensa e tendo por tema algum acontecimento atual que critica, parte-se do princípio de que o alocutário sabe do que se está falando. Isso se justifica com o uso do artigo definido “o” em “Você está espalhando o vírus”, como a charge fora publicada em 20/03/2020, momento em que estava no auge a discussão sobre as medidas protetivas para conter o avanço da Covid-19 e não um vírus indeterminado. Outro elemento coesivo presente é a preposição “de” particularizando o tipo de questão como em “Questão de opinião”.

Logo, espera-se que o leitor atue na construção de sentidos de forma colaborativa, por meio de estratégias cognitivas, sociointeracionais e textuais, fazendo associações, seleções e inferências através do seu conhecimento de mundo e entenda perfeitamente a mensagem, independentemente de haver poucos elementos coesivos, característica inerente à charge, gênero em que há privilegia o texto não verbal.

5. OUTROS ELEMENTOS CARACTERÍSTICOS / CURIOSIDADES

Partindo do princípio de que a charge é um texto constituído da linguagem verbal e não verbal, percebe-se nesse gênero a importância da Arte. Como o desenho é uma forma de arte, na charge analisada, o chargista recria a realidade daquele contexto sociopolítico. Por meio desse recurso, faz crítica àqueles que, embora se autodenominam patrióticos, se recusavam a seguir as medidas protetivas de combate ao coronavírus, preconizadas pelas autoridades sanitárias. Na charge da cartunista Laerte, isso fica evidenciado no personagem que carrega a bandeira brasileira, símbolo maior do país, como se bastasse ser patriótico(a) para não contaminar os demais. Fica óbvia a ironia, pois, apesar de o “personagem negacionista” alegar que é “uma questão de opinião”, não concordando com o locutor, que no texto, pode estar representando a Ciência, a Medicina que orientava quanto aos cuidados de combate ao vírus ou qualquer pessoa que seguia as normas protetivas, a imagem do vírus sendo espalhado contradiz a fala dele.

O fato de a charge ter um caráter humorístico, pode ser vista como um texto ingênuo, desprezioso, no entanto é uma ferramenta de conscientização, pois no momento em que informa, alerta, defende um ponto de vista, critica um fato/acontecimento ou o comportamento de uma figura de destaque no contexto sócio-político-econômico do país, leva o público leitor à reflexão sobre o que está em pauta. Presume-se que o leitor entenda o propósito do texto e o interprete de maneira eficiente, para isso é necessário que esteja “atenado”, “sintonizado”, isto é, a par do que está acontecendo no contexto em voga. Além disso, acredita-se também que ocorra a comunicação entre o chargista/locutor e o leitor/alocutário este, naturalmente, precisa mobilizar todo o conhecimento de mundo acumulado ao longo da vivência dele.

A partir do conhecimento de mundo, espera-se que o leitor faça suas inferências. Na charge da Laerte em análise, fica implícito que o personagem/receptor é contrário às medidas protetivas, uma vez que não usa

máscara; que diverge daqueles que orientam seguir tais medidas, já que responde que é “uma questão de opinião”; que tal divergência ocorre no Brasil, pois o personagem carrega a bandeira brasileira, além de que o formato do vírus desenhado remete ao coronavírus.

Dessa forma, como este gênero, na atualidade, é um instrumento bastante utilizado nos mais diversos meios de comunicação, cuja finalidade é mostrar formas de protesto e crítica aos problemas sociais, principalmente, ao sistema sócio-político brasileiro, é fundamental trabalhá-lo em sala de aula. A charge, por apresentar assuntos das mais diversas áreas do conhecimento, é um gênero interdisciplinar e nesse sentido colabora para desenvolver no aluno uma visão crítica, ampla do contexto em que se insere. Outra consideração acerca da charge a ser feita é que o chargista utiliza de uma linguagem simples, direta, concisa ou mesmo sem palavras o que estimula o interesse do alunado para a leitura de tal gênero e desenvolvimento da competência leitora.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **A Condição Humana**. In: ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015. p. 01-26.

Bolsonaro descumpra monitoramento por coronavírus, participa de ato e cumprimenta apoiadores no DF. **G1**, 2020. Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/15/mesmo-com-recomendacao-de-monitoramento-por-coronavirus-bolsonaro-participa-de-carro-de-ato-em-brasilia.ghtml>. Acesso em: 30 out. 2021.

BRONCKART, J. P. **Atividades de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. (org. Anna Rachel Machado; Maria de Lourdes Meirelles Matencio; trad. Anna Rachel Machado; Maria de Lourdes Meirelles Matencio (et al). Campinas-SP: Mercado de Letras, 2006.

COSTA VAL, Maria da Graça. Texto, textualidade e textualização. In: CECCANTINI, J. L. Tápias; PEREIRA, Rony F.; ZANCHETTA JR., Juvenal. **Pedagogia Cidadã: cadernos de formação: Língua Portuguesa**. V.1. São Paulo: UNESP, Pró-Reitora de Graduação, 2004. p.113-128.

COUTINHO, Laerte. Pensamento único. **Diário do Centro do Mundo**. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/pensamento-unico-e-os-fas-de-bolsonaro-por-laerte-coutinho/>. Acesso em: 29 out. 2021.

COUTINHO, Laerte. Sem título. **Twitter**. Disponível em: <https://mobile.twitter.com/LaerteCoutinho1/status/1452261505962029061>. Acesso em: 25 out. 2021.

Charges - Setembro 2021. **Folha de São Paulo**, 2021. Disponível em <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1709730433365042-charges-setembro-2021>. Acesso em: 31 out. 2021.

GERALDI, João Wanderley (org). **O texto na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

KOCH, I. G. V.; FÁVERO, L. L. **Contribuição a uma tipologia textual**. Uberlândia: Letras & Letras 1987.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2008.

KOCH, Ingedore G. V; MARCUSCHI, Luiz Antônio. Processo de referenciação na produção discursiva. **DELTA – Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 14, n. especial, p. 169-190, 1998.

LOPES, Plínio. Bolsonaro publica vídeo no Twitter com informações falsas sobre desabastecimento da Ceasa em Minas Gerais. **Piauí**, 2020. Disponível em <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/04/01/twitter-bolsonaro-video-desabastecimento-ceasa-minas-gerais/>. Acesso em: 31 out. 2021.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARKO, Katia. Laerte Coutinho completa 70 anos: releia entrevista com a cartunista. **Brasil de Fato**, 2021. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2021/06/10/laerte-coutinho-completa-70-anos-releia-entrevista-com-a-cartunista>. Acesso em: 30 out. 2021.

MOREIRA, Ardilhes; PINHEIRO, Lara. OMS declara pandemia de coronavírus. **Globo.com**, 2020. Disponível em <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/oms-declara-pandemia-de-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 30 out. 2021.

A obra **Uma abordagem sobre o texto multimodal charge**, de Renato Alessandro da Silva, está licenciada com uma licença [Creative Commons – atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

